

O Dilema de Salieri: contraponto entre inveja e apreço

*R. Horacio Etchegoyen**

*Clara R. Nemas***

Resumo

Neste trabalho, vamos retomar os conceitos kleinianos de 1957, em uma tentativa de expor certas particularidades da inveja que até agora não foram levadas em conta. Melanie Klein descreveu o conflito entre inveja e gratidão como duas qualidades inerentes ao ser humano; formulou uma interessante relação entre inveja e admiração, que não chegou a desenvolver teoricamente. A hipótese que formulamos é de que, em relação com a inveja, existe uma singular intolerância para a própria capacidade de reconhecer os aspectos valiosos do objeto. Essa intolerância leva ao paradoxo de que a mesma sensibilidade que permite apreciar os dons do objeto – tanto os percebidos quanto os atribuídos por identificação projetiva a partir do *self* – é, ao mesmo tempo, a fonte de uma dor intolerável. A capacidade para reconhecer as boas qualidades do objeto – relacionada com a elaboração da posição depressiva – não pode ser aceita como um aspecto valioso do próprio *self* e se transforma em prova da própria desvalorização. Pensamos que descrever essa intolerância ao apreço admirativo introduz uma modificação na compreensão da idealização entendida somente como defesa contra a inveja e enriquece a compreensão do conflito que se expressa na transferência-contratransferência.

Palavras-chave

Inveja. Transferência. Contratransferência.

* Membro Titular em Função Didática da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

** Membro Titular da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

1. Introdução

A inveja, fator de inegável presença clínica, formula problemas de difícil solução, porque complica o processo psicanalítico e gravita pesada e persistentemente na contratransferência, originando desgosto, desalento e outras reações similares. Interpretar a inveja direta e ingenuamente, no entanto, quase nunca se revela operante.

Melanie Klein introduziu o conceito de *inveja primária* em 1957, e, desde então, este tem sido objeto de estudo e de controvérsias dentro e fora do grupo kleiniano. Neste trabalho vamos retomar os conceitos kleinianos, em uma tentativa de expor certas particularidades da inveja que até agora, assim ao menos pensamos, não foram levadas em conta.

Nossas reflexões partem de alguns analisados, nos quais a inveja aparece conscientemente, às vezes de forma desafiante. Tais reflexões acabaram por nos fazer pensar na intrincada relação entre os músicos Salieri e Mozart. Este não é, no entanto, um trabalho sobre análise aplicada; surge da clínica. O filme *Amadeus* somente nos serviu de modelo para entender um conflito que se manifesta em algumas análises.

A hipótese que formulamos é que, em relação à inveja, existe uma singular intolerância para a própria capacidade de reconhecer os aspectos valiosos do objeto. Essa intolerância leva ao paradoxo de que a mesma sensibilidade que permite apreciar os dons do objeto – tanto os percebidos como os atribuídos por identificação projetiva a partir do *self* – é, a um só tempo, a fonte de uma dor insuportável. Dito em outros termos, a capacidade de reconhecer as boas qualidades do objeto não pode ser aceita como um aspecto valioso do próprio *self*. Pelo contrário, como um produto peculiar da inveja, se transforma em prova da própria desvalorização.

Esperamos que a hipótese que apresentamos possa ser útil para refinar a compreensão do complicado conceito de inveja. Pensamos que incluir o aspecto da particular intolerância ao apreço admirador introduz uma modificação na compreensão da idealização entendida somente como defesa contra a inveja. Torna mais complexa, ademais, a localização das fontes da

dor mental no mundo interno do paciente, enriquecendo a compreensão do conflito que se expressa na transferência. Talvez o ponto de vista que sugerimos neste trabalho permita destravar algumas análises que ficam, por assim dizer, aderidas viscosamente em torno da problemática da inveja.

2. A Inveja: algumas contribuições psicanalíticas

Por que nos aventurarmos em um tema tão amplamente estudado na arte e na psicanálise? Simplesmente porque pensamos que é inesgotável. Partimos de Melanie Klein, que localizou a inveja no centro da teoria psicanalítica e foi mais além da inveja fálica, à qual Freud (1931) deu, com razão, um lugar central em sua teoria da feminilidade. Klein estendeu criteriosamente esse conceito a *todos* os seres humanos e lhe deu um caráter especial ao fazer a inveja irromper desde o começo da vida. Para ela, a natureza primária desse sentimento tem a ver com o objeto inicial – o seio – e com o caráter singular de ser endógena, isto é, de localizar-se além de toda frustração. Melanie Klein descreveu o conflito entre inveja e gratidão como duas qualidades inerentes ao ser humano. Não lhe escapou, certamente, o vínculo entre inveja e admiração, e formulou uma interessante relação entre ambas que, no entanto, não chegou a desenvolver teoricamente.

Em seu trabalho sobre a reação terapêutica negativa, Joan Rivière (1936) diz, com acerto, que a insistência na interpretação sistemática da transferência negativa leva a análise com frequência a um ponto morto. Essa autora fala com perspicácia do altruísmo inconsciente e do controle onipotente como os dois recursos principais de certos pacientes cujo destino final é a reação terapêutica negativa – e atribui essa reação à circunstância de que, neles, a posição depressiva é extremamente forte. Esquece-se, desse modo, surpreendentemente, da dialética entre o ciúme e a inveja, que ela mesma havia descrito quatro anos antes. Nas conclusões de Joan Rivière, em 1936, se adverte com clareza a influência de *Una contribución a la psicogénesis de los estados maniaco-depresivos* (1934), na qual Melanie Klein falou, pela primeira vez, da posição depressiva. Rivière to-

mou, assim, um caminho que a desviou de seus vislumbres de 1932, quando afirmou que o ciúme muitas vezes esconde a inveja. Não lhe teria sido difícil dar-se conta de que as defesas maníacas, que tão bem descreveu, não somente servem para evitar a dor depressiva, mas também para magoar o objeto de amor, com o que se reabre o círculo do amor e culpa, profundamente enterrado. Foi necessário esperar, pois, o ano de 1957 para que Melanie Klein introduzisse o controvertido conceito de inveja primária.

Pensamos que é oportuno, neste momento, relacionar as idéias que expusemos com as colocações de Money-Kyrle, no seu lúcido trabalho *Megalomania* (1965): quando, no seu desenvolvimento, o bebê deixa de sentir-se unido ao objeto bom, se sente ameaçado pelo sentimento de que, enquanto todo o bom provém da mãe e de seu leite, ele só é capaz de produzir fezes. As idéias formuladas pelo autor nesse texto se integrarão, depois, às originais formulações que Meltzer propõe em *La relación entre la masturbación anal y la identificación proyectiva* (1966), sobre a idealização das nádegas e das fezes do bebê por identificação projetiva (intrusiva) nos seios da mãe.

Comentaremos, ainda que brevemente, as novas idéias de Meltzer sobre a relação do menino com o seio, já que constituem uma contribuição original para compreender as vicissitudes da relação com um objeto admirado. No ano de 1988, Meltzer propõe denominar “conflito estético” a um evento primordial no desenvolvimento que imprime novos significados ao conceito de inveja ao objeto primário. O autor coloca que, em um momento inicial da vida do bebê, existe uma dolorosa incerteza acerca da coerência entre a forma externa dos objetos (a beleza do mundo) e o mistério a respeito de suas qualidades internas. Essa experiência gera uma defesa que consiste em separar a resposta passional de amor, ódio e conhecimento em relação ao objeto. Essa defesa ocorre não somente separando os vínculos passionais, mas como uma luta-oposição contra a própria emoção, o que gera um mundo de antiemocionalidade. Com esse pano de fundo, o conceito kleiniano de inveja encontra uma nova base, e Meltzer já não a considera dirigida contra o seio-que-se-alimenta-a-si-próprio. A inveja adquire o va-

lor de um impulso que interfere na capacidade do sujeito de ter uma experiência passional, de vincular-se com a verdade e de gerar símbolos.

3. A Inveja e os Dons de Salieri

Ainda que não coincida com a história real, o Salieri de Milos Forman e Peter Schaffer ficou no imaginário dos amantes da arte como a encarnação paradigmática da inveja. A inspiração deles nasce, sem dúvida, em Alexander Surgueievich Pushkin, o grande poeta russo, que, em 1830, escreveu *Mozart e Salieri*, um drama breve e intenso, onde reúne alguns comentários jornalísticos da época que atribuíam a Salieri o assassinato de Mozart. A Pushkin não interessou a verdade histórica daquelas afirmações, senão o drama eterno do gênio e do talento. É evidente para nós, diga-se de passagem, que Pushkin se identificava fortemente com o gênio de Mozart e colocava em Salieri a sombria inveja de seus inimigos. De acordo com essa versão, o grande músico que Salieri foi, no seu momento, sentia uma inveja transbordante ante o gênio irreverente de Mozart. Chegou-se a responsabilizá-lo por sua morte; foi-lhe atribuído o papel de monstro maligno, que enlouqueceu o exímio maestro e até chegou a envenená-lo.

Ainda que a peça de teatro e o filme incluam elementos históricos, ambos se afastam da história para explorar temas que se referem a problemas humanos fundamentais e universais. Nesse sentido, a relação entre Mozart e Salieri adquire o caráter de um mito, crisol de histórias, eventos e ficções que os seres humanos consideram como demonstrações do significado emocional de sua existência.

Se tomamos Salieri como o epicentro de nossa reflexão e derivamos dele a hipótese fundamental deste trabalho, é porque, além de sua admiração e inveja pelo gênio de Mozart, ninguém reconheceu, nem sequer ele próprio, sua capacidade para apreciar os dons do grande músico. Salieri nunca pôde avaliar a própria capacidade para compreender em profundidade as qualidades da música de Mozart, o que se sabe bem que não é pouca coisa. Porque é fácil extasiar-se com a música do maestro de Salzburgo; quantos, no entanto, podem alcançá-la com a profundidade de Salieri? É

justamente nessa capacidade que residia seu próprio dom, ao qual ele mesmo renuncia ao final do drama, quando censura Deus não apenas por ter concedido a Mozart a divina inspiração, mas, ainda mais, por ter dado a ele, Salieri, o dom de apreciá-la. De um modo que pode parecer sofisticado, vamos dizer que Mozart foi tão grande para Salieri porque, ao avaliá-lo em seu interior, não somente reconheceu sua grandeza como também a outorgou-lhe.

4. Um Material Clínico

Como se disse antes, as idéias aqui esboçadas surgiram da discussão de material clínico de pacientes cuja inveja não necessita ser ‘interpretada’, já que se apresenta aberta e até ostensivamente. Essa singular atitude pode ser comparada com o exibicionismo da maldade que Freud (1917) descreveu nos pacientes melancólicos.

Um dos analisados que inspirou essas idéias é uma profissional de aproximadamente 40 anos que, desde o começo de sua análise, falou da sua inveja de maneira notória e a colocou no centro de seu intenso sofrimento mental. Não podia deixar de comparar-se com outras pessoas e sentir, com dor, que os demais tinham o que lhe faltava. Ao mesmo tempo, quando tinha um problema, dava por certo que os outros não o tinham ou o haviam resolvido. Com respeito à analista, dizia enfaticamente que nunca havia podido tolerar que ela fosse bem profissionalmente, questão que, para sua desgraça, estava fora de cogitação.

Ela descrevia sua vida como muito infeliz, apesar de que nada em seu ambiente parecia justificar esse mal-estar. Estava casada com um homem que era descrito como bom companheiro, carinhoso, querido pelas pessoas e bom profissional, mas que não correspondia aos seus ideais estéticos e sentia que tivera de renunciar um pouco ao seu desejo, ao casar-se com ele.¹ A situação econômica do casal não era elevada, mas também não era

¹ Este tema havia levado muito tempo em sua análise anterior que, segundo ela, foi improdutivo, apesar de tê-la continuado durante anos.

preocupante. Os pais do marido lhes mandavam algum dinheiro mensal proveniente dos dividendos de uma empresa familiar, com a idéia de que pudessem economizá-lo, mas eles possivelmente o usavam para cobrir seus gastos. Essa ajuda também era fonte de uma grande dor para a analisada, que a sentia como mais uma manifestação de seu fracasso profissional. Como fazem as pessoas para... ter casa, viajar, sair...? – era sua pergunta mais insistente. Na relação com seus filhos, sentia que não tinha muito contato emocional com eles e que se desligava facilmente de suas necessidades, que por momentos a excediam.

Havia demorado muito tempo em sua escolha vocacional e, uma vez formada, começou a trabalhar em um estúdio importante, com um cargo de acordo com a sua pouca experiência. Após algum tempo a demitiram, assinalando-lhe que era evidente que ela estava ali a contragosto, o que era certo. Iniciou, então, um estudo de pós-graduação e, apesar de cumpri-lo com êxito, não ficou satisfeita com o aprendizado nem com os professores, que lhe pareciam idiotas, e os criticava sem piedade, com o que se expunha a avaliações também adversas que, não obstante, lhe pareciam acertadas.

O desalentador relato de uma vida muito desafortunada, sem momentos prazerosos, ocupou sempre um amplo espaço de suas sessões. O amargo contraste dessa vida era um analista que já possuía tudo, prestígio, clientela e honras e, portanto, tinha resolvido todos os seus problemas, do familiar ao econômico.

Gradualmente, começaram a modificar-se algumas situações da vida da paciente, que ela foi reconhecendo como mudanças: começou a ter amigas e a relacionar-se com as mães dos companheiros de seus filhos, deixou de sentir-se tomada pela angústia que os pedidos de seus filhos lhe provocavam, diminuíram suas ansiedades claustrofóbicas (que sempre havia racionalizado como uma necessidade de ar e verde), começou a render mais no seu trabalho e participou como ajudante em uma cátedra da Faculdade. Tinha boas perspectivas, que ela desqualificava insistentemente, ainda que se permitisse agora ter planos para o seu futuro.

Por essa época ficou grávida ‘acidentalmente’. Então começou um

momento muito doloroso e difícil da análise, que trouxe, no entanto, também progressos. Sua gravidez era uma demonstração de que havia cometido um erro, e esse era seu único significado. O analista passou a ser uma pessoa que ‘fazia bem as coisas’ e que por isso havia sido seguramente capaz de planificar sua família; ela, ao contrário, ia ter um filho em um momento totalmente inadequado para sua vida profissional. Até a decisão de não fazer um aborto era vista negativamente, só como indicador de uma falta de coragem. Embora as interpretações da inveja projetada na transferência fossem enfáticas, quando não raivosamente rejeitadas, o certo é que começou a se sentir mais conformada com sua gravidez e com o filho, que veio ao mundo a termo, sem problemas.

Esse período da análise permitiu entender um aspecto do que, por momentos, parecia um alarde de inveja e uma intolerância às interpretações que pudessem localizar o analista, na transferência, como uma mulher invejosa de sua juventude e fertilidade, ou como um homem incapaz de procriar. Ela não podia admitir que a analista a invejasse pela sua fertilidade, porque justamente essa inveja era a que havia projetado por não poder integrá-la. Paradoxalmente, sua própria inveja – ou o que ela apresentava como sua própria inveja – era mais aceitável e, por esse mesmo motivo, não havia necessitado projetá-la. Em outros termos, ela pôde aceitar a inveja expressa manifestamente porque não é dela; para aceitar sua inveja deveria aceitar sua projeção. Por outra parte, se a analista chegasse a estabelecer seu prazer pela gravidez, ela invejaria sua capacidade analítica e se reforçaria o círculo maligno. Em outras palavras, a inveja do analista que tem tudo é sintônica com o eu, porque é justo sentir inveja nessas circunstâncias (inveja exógena), mas não pela fertilidade do analista que, com seu trabalho, a faz fértil.

5. O Dilema de Salieri

Algum tempo depois, começa a aparecer uma nova configuração que nos leva à hipótese deste trabalho, que chamamos “o dilema de Salieri”. A analisada sempre sustentou, firmemente e além de toda prova em contrá-

rio, que o analista tinha tudo e ela, nada. Essa situação foi reiteradamente interpretada na perspectiva da identificação projetiva dos aspectos positivos do *self* no analista, da idealização e da negação das limitações do analista como qualquer ser humano. Essa linha interpretativa promoveu (ao menos assim pensamos) algumas mudanças significativas na conduta e na atitude mental da analisada, que continuava sustentando – não sem razão – que seu problema de fundo – sua relação com o trabalho – seguia igual. Como acabamos de ver, o que obviamente a analisada invejava era *o trabalho do analista*.

A paciente dizia enfaticamente que nunca havia tolerado que a analista fosse bem. Irritava-lhe até mesmo sua voz, quando formulava uma interpretação. Queixava-se de que as interpretações eram ‘poéticas’ ou ‘juntavam as coisas que ela dizia’ de um modo tal que ‘se voltavam contra ela’. Doía-lhe falar de seus problemas de trabalho na sessão porque, enquanto ela se queixava de suas dificuldades, a analista estava trabalhando. Necessitava de que a analista trabalhasse bem, mas não podia tolerá-lo, claro protótipo de uma inveja primária que não depende da frustração. As interpretações que lhe ‘apontavam algo ruim’ produziam-lhe dor; aquelas que, em seu sentir, a ajudavam, colocavam-na em contato com sua dependência, que tampouco tolerava, já que se lamentava de que a boa interpretação ocorrera à analista, não a ela. Em certas ocasiões, a queixa se centralizava no fato de que ela carecia de motivação e vontade para estudar e trabalhar, qualidades que certamente não faltavam à analista. Seria motivo de outro trabalho desenvolver a interessante relação entre um delírio somático – o mau hálito em razão do qual se sentia rejeitada – e o desânimo que tanto pesava na transferência e na contratransferência (MELTZER, 1954).

Incluiremos alguns exemplos do impacto e da demanda que a relação com essa paciente tinha na contratransferência. Em uma sessão, a paciente comenta que está preocupada porque tem um nódulo na mama e terá de se submeter a uma cirurgia. Rapidamente a preocupação se transforma em uma forte crítica ao cirurgião, ao qual acusa de ser muito sucinto em suas explicações. Em poucos instantes mais, a paciente, tomada pela angústia e

pelo pranto, diz que o pior de seu problema é que, ao relatá-lo, torna-se presente que ela é que tem o nódulo, não sua analista, sem medir, de modo algum, o efeito de suas palavras no interlocutor.

Quando a analista lhe sugeriu estar preocupada com o impacto que suas frases poderiam ter sobre ela, respondeu que isso não a preocupava em absoluto, como tampouco pôde relacioná-lo com o nódulo em sua própria mama. Esse exemplo inscreve-se em uma versão mais geral, já conhecida, da dificuldade de falar de seus problemas na sessão: sempre dizia que falar de seus problemas colocava em primeiro plano que ela tinha as dificuldades, e, portanto, que não era esse o problema de sua terapeuta. Em uma oportunidade, a paciente comentou que a mãe de um amigo seu tinha um câncer de mama, mas que isso não lhe parecia um problema, porque seu amigo nada havia feito de concreto para que o câncer ocorresse; portanto, não era tão grave como o que lhe ocorria. Não foi difícil, nesse momento, mostrar à paciente que sua perspectiva a afastava de uma preocupação pela dor de seu amigo ou da mãe, transformando a situação deles em um problema menor. No entanto, quanto ao material do nódulo, foi mais difícil para a analista resolvê-lo, já que o único que pudesse ter feito era mostrar a situação paradoxal em que a paciente a colocava, ao fechar a possibilidade de ajuda. Era certamente impossível ajudá-la a satisfazer seu desejo de que a analista tivesse o nódulo. Vê-se aqui nitidamente o impacto desse material na contratransferência.

Em outras ocasiões, a analista advertia que levava em conta a paciente em questões de índole pessoal e do cotidiano, como a roupa que usava ou ligar o aparelho de ar condicionado, já que eram inevitáveis os efeitos dolorosos que qualquer expressão de maior conforto ou arrumação pessoal provocava na paciente, que imediatamente comparava, em seu prejuízo, as possibilidades da analista com as próprias. Nesses casos, aparentemente triviais, o analista se vê confrontado com problemas muito graves, que giram ao redor de um desejo (empático) de evitar uma dor desnecessária ou de incorrer na técnica ativa de aplacar o paciente.

Outra fonte de dor no tratamento dessa paciente se relacionava com a

dificuldade para tolerar um vínculo de dependência. Ainda que essa luta entre os aspectos infantis narcísicos e dependentes do *self* exista em toda análise, como o expõe claramente Rosenfeld (1971), nessa paciente adquiria, por momentos, mais virulência, e a fazia cair no que denominava ‘ataques de ceticismo’. Toda dependência tinha para ela o significado de uma submissão. Em uma sessão comentou que havia ido de visita à casa de uma amiga com seus filhos, e que o maior havia chorado por tudo, ainda que as outras crianças fossem amorosas com ele. Doía-lhe vê-lo assim; pensava que, embora ele desse outros motivos, o que lhe dava raiva era não poder fazer o mesmo que os meninos maiores, e então argumentava que eram maus. Ao mesmo tempo, não estava segura se tinha de se preocupar com seu filho ou não. O nome da filha de sua amiga que cuidava do seu filho era igual ao da analista. Quando se aproveitou dessa homonímia para fazê-la consciente da relação de seu *self* infantil com a analista (a menina mais velha que tratava de ajudá-la), a paciente o decodificou como que a interpretação tentava colocá-la no lugar de uma menina pequena e dependente.

Nessa época, quando a luta contra a dependência estava em um momento crítico da relação transferencial, a analisada volta a referir-se aos seus ‘ataques de ceticismo’. Em uma sessão, especialmente, as interpretações haviam girado em torno da dor que lhe produzia reconhecer que se estava realizando uma mudança nela. No próximo encontro, a paciente diz que havia ficado pensando em uma irmã dela que se analisa e na qual haviam ocorrido mudanças favoráveis. Reflete que, “quando alguém melhora, parece-lhe que está pior, como querendo voltar ao velho”. Comenta que isso lhe parece óbvio quando pensa na sua irmã, mas que “quem vê de fora é que o vê claramente, e o que está dentro está na luta, e eu estou aí. Por isso, às vezes, eu gostaria de poder me ver de fora, para ter mais objetividade e não estar imersa na luta”. Na mesma sessão, queixa-se de que, apesar de sentir que mudou, igualmente tem a sensação desanimadora de ser uma eterna paciente, ao mesmo tempo que não acredita na análise. Isso a leva a um ceticismo de tal dimensão, que lhe parece estar diante de uma “catástrofe social que não tem jeito”. A partir do ponto de vista pelo qual, neste

momento, estamos observando o material, o dilema da paciente consiste em que depende de si própria, se vê inevitavelmente consumida em uma luta interna e ambiciona uma maior objetividade; para sair da solidão em que se encontra imersa, necessita aceitar a presença da analista, o que implica um vínculo de dependência não tolerado.

Uma queixa freqüente da analisada era que a analista podia cometer erros nas suas interpretações, sem que ninguém mais do que a paciente se inteirasse; em compensação, no seu trabalho, os erros que ela podia cometer eram evidentes para muita gente. Isso era vivido como uma situação de suma injustiça. Em um momento da evolução do processo analítico, parecia ser condição necessária para a continuação da análise que a analista reconhecesse seus erros, mais do que o fato em si de cometê-los. Se a analista reconhecesse seus erros, ou os que a paciente considerava como tais, ela estaria disposta a deixá-los de lado e até perdoá-los. Mais ainda, e para sua surpresa, em uma dessas sessões a paciente se deu conta de que ela, na realidade, era muito mais exigente consigo própria do que com sua analista, com quem era indulgente. Nesse material pode-se ver o aspecto projetivo do vínculo de desprezo e triunfo atribuído à analista em relação aos aspectos infantis da analisada. Perseguida pelas conseqüências de suas defesas maníacas, configura-se um tipo de reversão da perspectiva (BION, 1963): queixa-se manifestamente da desqualificação da analista e de seus próprios sentimentos de inferioridade, porém de um modo latente monitoriza os erros da analista, até aqueles para os quais se sente ‘indulgente’.

6. As Virtudes de Salieri

Incluiremos, neste ponto, um material clínico do quarto ano de análise, no momento em que essa configuração a que nos referimos como ‘o dilema de Salieri’ começou a se tornar mais evidente e mais acessível.

Acabam de transcórrer as festas de Ano Novo, e, na primeira semana de janeiro, a atmosfera é de hostilidade e desânimo. Há um momento em que a analista chega a registrar pontadas de dor no peito, enquanto a pa-

ciente fala do clima horrível em que se desenvolveu sua infância, devido ao mau temperamento de seus pais, aos quais se sente ligada por obrigação, mas não por carinho. Por isso fala pouco de sua infância. A analista interpreta que parece estar falando tudo isso de sua infância em razão do clima horrível que resulta, às vezes, das sessões (das quais a paciente realmente costuma queixar-se). A paciente acrescenta que lhe parecem horríveis as sessões em que a analista interpreta algo que lhe suscite ser bom porque, em última instância, demonstra o que ela faz mal. Dá-se conta agora do quanto deve ser insuportável para a analista e se torna evidente que ela tampouco a suporta.

Chega com alguns minutos de atraso à sessão seguinte e salda gentilmente os honorários. Mal se deita no divã, começa dizendo que no dia anterior havia saído péssima da sessão. Ficava olhando algumas vitrinas e viu a analista sair do consultório e tomar um táxi, o que a deixou paralisada. Esteve em dúvida de comprar os presentes de Reis para as crianças, pois não queria gastar dinheiro. Finalmente decidiu fazê-lo, porque elas estavam iludidas, embora o filho mais velho “saiba e ao mesmo tempo não saiba” a verdade sobre os Reis Magos. Ele havia visto os presentes que ela escondera, porém o mesmo colocava água para os camelos e queria tirar os sapatos da sacada. Fala do entusiasmo dos meninos diante dos presentes, mas imediatamente os desqualifica e diz que não eram mais do que ‘*pavadas*’.²

Faz-lhe mal receber dinheiro de seus sogros e sente como um fracasso da análise não haver podido resolver melhor seu problema com o trabalho. Com uma mudança de tom, relata que no dia anterior se sentiu bem; como sua filha estava doente, ficou em casa, lendo um romance, escrito por uma amiga, do qual gostou muito e, quando o terminou, lhe telefonou para

² *Pavada* é uma brincadeira infantil em que as crianças se sentam em círculo, com as pernas estendidas, exceto uma que, dizendo certas palavras, conta sucessivamente os pés até chegar ao oitavo, que faz esconder; e continua do mesmo modo, até que somente um pé fique descoberto, sendo perdedora a criança que o possui. (Fonte: *Diccionario de la Lengua Española RAE*. 22. ed. Madrid: Espasa, 2001. p. 1704.)

felicita-la. Diz que é algo incomum nela ter proveito ficando em casa; em outro momento, se sentira enclausurada. Depois dessas considerações positivas, começa a duvidar, e diz que, na realidade, não sabe se está melhor ou pior, porque não sabe se está melhor consigo própria ou se está se isolando. A analista interpreta que parece difícil sabê-lo, porque, no momento em que se sentiu bem, se questionou se estava pior, como se o sentimento de estar bem a fizera sentir-se pior. A paciente responde que a análise a ajuda, porém que o fundamental para ela não consegue resolver. Volta a referir-se a como saiu da sessão anterior e diz que pensou que tinha de se mover, fazer algo, não por verdadeira vontade, mas por desespero.

Quando a analista tomou o táxi e viu-a despreocupada, ela conjecturou: “Eu sabia que o inventava, porém tive a sensação de que o que você disse na sessão eram frases, e eu fiquei com o desalento e a angústia! Você o disse e depois se foi tão tranqüila, e eu fiquei tão mal. Sei que é uma invenção, porque eu, o que posso saber? Você poderia ter ido cuidar de um doente, que sei eu!” Pela primeira vez, foi possível mostrar-lhe, com clareza, que o desalento que ela sente surge de inventar a analista como despreocupada. E pôde acrescentar, para surpresa da paciente, que assim como a analista despreocupada poderia ser uma invenção-fantasia dela, o modo como via a si própria também poderia ser o produto de uma invenção-fantasia de sinal contrário. Em outras palavras, sofre pela imagem que tem da analista, ainda que saiba que é uma ‘invenção’ dela; não pode, no entanto, reconhecer que a ausência total de riquezas de que ela atribui a si mesma faz parte dessa mesma invenção-fantasia. Essa interpretação destina-se a desarmar a estratégia defensiva da analisada; e, de fato, assim sucedeu, como ela o reconheceu indiretamente no árduo trabalho analítico que prosseguiu.

Essa interpretação adequada não reconhece que, no entanto, na realidade psíquica da paciente, a analista efetivamente ‘a contém toda’, e que algo dessa realidade psíquica guarda certa correlação com a realidade externa.

Uma premissa fundamental do trabalho analítico e da compreensão do

mundo emocional do paciente é aceitar a existência da realidade psíquica em relação com a realidade externa, como já o formulara Freud (1939), ao reconhecer os segmentos de realidade no delírio. Uma vez estabelecida e compreendida essa situação, o próximo passo foi interpretar que, para a paciente, era mais fácil ostentar sua própria inveja que aceitar que possui o dom de perceber um bom trabalho da analista ou suas virtudes. Dói-lhe aceitar que tem a capacidade não só de reconhecer, mas também de apreciar essas virtudes.

Ao mesmo tempo, é notório que ao analista (e a *todo* analista, diremos) custa reconhecer esse tipo de juízos do paciente.

Por que custa ao analista aceitar esta realidade do mundo interno do paciente? Por que para ele/ela é mais tolerável confrontar-se com a desvalorização do que com o apreço? Isso equivale a perguntar-se por que, para os analistas experientes, é mais “fácil” interpretar a transferência negativa do que a positiva, diferentemente dos principiantes, que não vêem a transferência negativa. Pensamos que esse é um problema geral e o atribuímos ao fato de que o analista teme o risco que implica ‘encarnar’ o objeto primário projetado, o qual, em última instância, é tanto a fonte de onde emanam a idealização e a valorização como seu destinatário.

‘Encarnar’ o objeto primário projetado comporta, para o analista, o temor à megalomania (ou delírio de grandeza) por identificação com o objeto projetado (Money-Kyrle, 1965). O paciente costuma não ter dúvidas de que essa identificação tenha acontecido, e nesse estado mental sente as interpretações como uma expressão arrogante do desprezo do analista em relação a ele. No entanto, não reconhecer os aspectos objetivos que acompanham essa projeção é, afinal de contas, o resultado de uma negação igualmente maníaca, já que nenhuma das duas possíveis interpretações acerca da valorização ou o desprezo das qualidades do *self* e do objeto respeitam a realidade psíquica.

Essa dificuldade de reconhecer a transferência positiva como uma ‘emanação’ do mundo interno do paciente, em concordância, como diria Racker (1960), com os objetos do mundo interno do analista, está na base

da dificuldade de compreensão por parte do analista. Se este último tem em sua mente uma concepção do trabalho analítico como produto dos aspectos criativos do paciente e do analista, desconcentra-se do temido risco da megalomania. A partir desse ponto de vista, a inveja que o paciente tem dos ‘dons ou riquezas do analista’ é um ataque dirigido contra o parceiro criativo.

7. Inveja e apreço

Logo que lhe foi interpretado que ela sente (e nega) que tem o dom de valorizar o (bom) trabalho do analista e, portanto, de discriminar quando esse não o é, sobrevém uma mudança significativa. Em uma sessão, a paciente comenta que se surpreendeu ao descobrir que seu filho de oito anos tem, em seu vocabulário, a palavra ‘apreço’. Isso pode ser validamente interpretado como ela própria ter incorporado esse conceito em sua bagagem mental. Em seguida, conta uma conversa com sua filha de quatro anos em que a menina reconhece os ensinamentos da mãe. Na sessão seguinte, relata que, ao vir para o consultório, escutou um programa de rádio em que o locutor dizia que, sem a contribuição dos ouvintes, a rádio não teria sentido. Encontrou-se pensando que isso podia aplicar-se a todas as ordens da vida. Logo depois, fala da graciosidade de sua filha e diz que não entende de onde a obtém, já que ela, como mulher, não é coquete. No entanto, esclarece que não reprime sua filha nesse aspecto. O analista interpreta a contribuição da graça da filha à relação entre ambas e que, por sua vez, essa contribuição pode ocorrer porque a mãe *aprecia* e valoriza essa característica da criança.

Pensamos que considerar o contraponto entre inveja e apreço (palavra que a analisada usa espontaneamente) implica uma relação mais igualitária sujeito-objeto. Tanto a gratidão como a admiração colocam demasiadamente o acento no objeto [idealizado]. O apreço, em troca, reconhece a capacidade do sujeito para captar os dons do objeto, sem necessária idealização. A gratidão é inerente à relação com o objeto total, como consecução da posição depressiva, mas pode ser o reverso da generosidade patológica,

com um componente narcísico que, em última instância, fica ligado à defesa maníaca. Melanie Klein (1957) alerta que a demanda de gratidão pode ser considerada uma defesa frente à fantasia persecutória de roubo e de vazio, que surge de um impulso de generosidade nas pessoas que não estabeleceram, em seu mundo interno, os sentimentos de riqueza e força que levam naturalmente a querer ‘compartilhar’ o que se tem.³

Como mais igualitária, a alternativa inveja-apreço implica reconhecer não somente as boas qualidades do objeto, mas também a própria contribuição para que esses dons se desenvolvam, como a mãe que não reprime a faceirice de sua filha. Um bom modelo desse tipo de relação encontramos, obviamente, no coito e também na amamentação, quando um bebê que aprecia o bom leite da mãe suga bem e contribui para a lactogênese. Essa concepção complementa-se com a idéia de Meltzer (1973) de que a produção de leite provém da função do pai, que enche os seios da mãe esvaziados pelos bebês internos. Também nos parece que a contribuição do bebê no coito dos pais é algo mais do que ‘virar e dormir’, já que pressupõe não interferir no prazer e na atividade reparadora do casal. Essa nossa concepção concede, parece-nos, um papel mais ativo ao bebê diante dos pais e ao paciente na análise, reconhecendo sua contribuição ativa no trabalho analítico.

Reconhecemos, sem recortes, as contribuições de Kohut (1971) à transferência idealizadora e seu respeito pela realidade psíquica; diferimos, no entanto, de sua forma de resolvê-la, remetendo-a imediatamente a uma falha dos pais não-empáticos, que deixa intacta a dissociação entre os pais (*self-objects*) e o analista, o qual fica inevitavelmente idealizado.

8. Inveja e Posição Depressiva

O contraponto entre inveja e apreço leva-nos a considerar, uma vez mais, a intrincada relação entre inveja e posição depressiva.

³ Quando Klein fala de generosidade, no ponto 3 do capítulo 2 de *Envidia y Gratitud*, toma *appreciation* e *gratitude* aparentemente como sinônimos.

É bem sabido que a inveja interfere na entrada na posição depressiva (ou a frustra); sabe-se, também, que a inveja deve modificar-se, para que se alcance a posição depressiva. Mais além desses conceitos, dos quais certamente partilhamos, neste trabalho pensamos que, quando se assume a posição depressiva, a inveja é manejada de outra maneira, e nisso intervém o reconhecimento da própria capacidade do sujeito de apreciar e tolerar as virtudes do objeto, algo do qual jamais Salieri foi capaz. Naturalmente que, quando o sujeito reconhece sua própria capacidade, as virtudes do objeto se tornam mais toleráveis para ele, e até pode desfrutá-las. No capítulo II de *Envidia y Gratitud* e em outros capítulos da mesma obra, Melanie Klein assinala reiteradamente que nada interfere mais no prazer do que a inveja. Essa idéia parece-nos fundamental.

Na posição depressiva, se estabelece a relação com um objeto total que se pode perder. Não basta ter um objeto de amor, também se deve reconhecer a relação com ele; esse reconhecimento implica uma conflituosa aceitação da dependência, que provém, entre outras coisas, da própria contribuição à relação de objeto. Propomos que a própria contribuição à relação com um objeto parte do re/conhecimento – o mais equânime possível, o qual não implica que seja desapaixionado – das virtudes e dos defeitos do objeto e do *self*, sem estar somente atento aos aspectos negativos ou idealizados. Sustentar esse conhecimento de um modo integrado na mente, sem cisões nem projeções automáticas dos aspectos indesejados, sejam bons ou maus, é por si só um vínculo estável e amoroso. O vínculo interno com um objeto total pressupõe a identificação com um objeto que não só é capaz de amar, como também de se sentir amado pelo outro. A interpretação sustentada e precisa dos ataques invejosos a essa relação de objeto torna consciente o preço que se paga pela inveja. O empobrecimento do *self* é múltiplo: perde um vínculo com um objeto bom e perde também aqueles aspectos valiosos de si próprio que, por identificação projetiva, foram localizados no objeto. Por último, propomos, neste trabalho, que se perde também a possibilidade de avaliar as próprias capacidades que permitem reconhecer e desfrutar os aspectos valiosos do objeto.

Como já formulamos anteriormente e insistimos agora, a inveja interfere nos vínculos humanos de dependência, usando todas as argúcias para deixar mal-entendido o seu significado e dar-lhe uma versão negativa. Isso fica ilustrado no material que se segue. A paciente reconhece, em uma sessão, que melhorou e sente que isso se deve ao trabalho analítico. Acrescenta também que pode perceber sua melhora quando se situa em um ponto de vista objetivo, e que provavelmente o analista também possa registrá-la objetivamente; acrescenta, entretanto, que “o que o vê a partir de dentro está em uma luta dolorosa que faz perder tempo”. O analista interpreta que essa objetividade é dolorosa, porque implica reconhecer a presença do analista como alguém que *não* está dentro. A paciente responde que se encontra diante de um velho conflito: “Alguém depende de alguém: por que te cabe ser assim, e não de outra maneira?”. Na realidade, o conflito continua sendo idêntico: depender de si próprio ou de outro. Se depender apenas de si própria, encontra-se envolvida na luta interna que acaba de descrever e a faz sentir-se sozinha. Pode sair dessa luta interior, aceitando a presença objetiva do analista, o que implica um vínculo de dependência que não é atacado. Pensamos que, para isso, é indispensável sustentar *em seu interior* a virtude de ser capaz de avaliar o objeto.

Retomaremos a reiterada pergunta da paciente – por que te cabe ser assim, e não de outra maneira? – porque nos remete ao sentimento de injustiça que tanto a faz sofrer, mas que é, ao mesmo tempo, um modo de eludir a dor depressiva por sua própria responsabilidade no significado que outorga à sua vida emocional. Se retomamos essa pergunta, é porque pensamos que indiretamente esse questionamento infiltra e, em certo sentido, distorce a recorrente discussão entre as chamadas causas endógenas e exógenas (resposta à frustração) da inveja. A injustiça que essa paciente coloca no que poderíamos chamar ‘a partilha dos dons, o que toca a cada um’ relaciona-se com o significado que ela outorga a essa ‘partilha’: em que medida se sente prejudicada pela partilha desigual objetiva e/ou em que medida deseja e decide que assim seja, como um efeito da inveja.

Queremos enfatizar que o reconhecimento e a aceitação dos próprios

valores é também um produto da posição depressiva. Como analista, pode-se (e se deve) sempre sentir que poderia ter interpretado melhor, ser melhor analista. Isso está ligado, sem dúvida, à posição depressiva; uma vez reconhecido internamente, entretanto, o outro passo é reconhecer quando se trabalha bem, sem por isso cair em um pecado de soberba – se não o reconhecermos, perdemos o contato com a realidade, o que é também um recurso maníaco.

Comentário Final

Este trabalho tenta ser uma contribuição para dar uma resposta ao clássico problema de como se interpreta e como se resolve a inveja. Inserimo-nos em uma linha de psicanalistas que tem aportado idéias sobre esse tema, começando com K. Abraham, que, já em 1919, propõe que a inveja se encontra na base de uma resistência crônica à análise. Não pretendemos realizar uma exaustiva revisão bibliográfica e só mencionaremos brevemente as contribuições dos autores com os quais encontramos maior afinidade.

O descobrimento da inveja precoce por Melanie Klein (1957) e a descrição do modo como age deu um grande ímpeto ao trabalho analítico. Desde os seus primeiros escritos, Bion começa a elaborar o tema da inveja, suas origens e efeitos em pacientes psicóticos. Em 1959 propõe que a inveja está dirigida ao objeto em sua função de vincular – função que ele atribui não só ao seio, mas também ao pênis e à linguagem verbal. Nesse sentido, a função vincular é considerada por Bion como uma parceria e, portanto, para ele, a inveja primária estaria dirigida aos aspectos criativos da mesma.

Betty Joseph também tomou as idéias propostas por Melanie Klein em *Envidia y Gratitud* e começou a desenvolvê-las a partir de 1959. Desde seus primeiros trabalhos, descreve as defesas que alguns pacientes utilizam para evitar a avaliação do objeto, eludindo assim a voracidade e a inveja que se desdobrariam nesse vínculo. Em relação às contribuições sobre a teoria da técnica, a autora foi deixando de lado a interpretação direta da

inveja, para concentrar-se na imediatez do efeito que a mesma tem na relação transferencial.

Ao longo de toda a sua obra, Hanna Segal (1981) propõe valiosas idéias sobre a relação entre posição depressiva, formação de símbolos e criatividade. Considera que a análise da inveja introduz uma possibilidade de esperança no sujeito, já que o apreço latente para o objeto bom pode ser mobilizado e, assim, desempenhar um papel na luta entre o amor, a gratidão e a inveja.

Mais recentemente, Edna O'Saughnessy e Ronald Britton aprofundaram as idéias de Klein a respeito do Supereu invejoso e do Supersupereu de Bion. Ambos os autores trabalharam acerca do papel da inveja no cerceamento da criatividade. Além disso, assinalaram o fato de que as múltiplas defesas contra a inveja, ao reforçarem-se mutuamente, dão lugar a organizações patológicas, como as descritas por John Steiner (1985).

Elizabeth Bott-Spillius (1993) descreve aspectos conscientes da inveja (impenitente ou egossintônica) e outros inconscientes (egodistônica), que estão envolvidos nas relações de dar e receber.

Pensamos que, nos autores contemporâneos, existe uma preocupação de conseguir descrições mais adequadas da inveja e das defesas por ela provocadas, tanto quanto do papel que esta desempenha na deterioração das relações de objeto e das possibilidades criativas do sujeito. É evidente, também, a preocupação pelo manejo técnico da interpretação da inveja. Etchegoyen, López e Rabih (1987) postulam que os problemas derivados dessa questão técnica conduzem à reformulação de problemas teóricos de grande importância, como a relação entre inveja, narcisismo e relação de objeto.

A perspectiva que propomos neste trabalho deve ser entendida como uma tentativa de melhor compreender as complexidades da inveja e tornar mais eficiente a forma de interpretá-la. Somente quando a inveja tenha sido analisada em todos os seus aspectos, o paciente pode captar a beleza do

método analítico e até “apreciar” a capacidade do analista, reconhecendo em si próprio a virtude de poder fazê-lo.

Abstract

Salieri’s Dilemma: a counterpoint between envy and appreciation

Taking as its starting point Klein’s concepts of 1957, this paper stresses certain characteristics of envy which have not yet been taken into account in psychoanalysis. Klein described the conflict between envy and gratitude as inherent in the human being; she suggested an interesting link between envy and admiration, but never developed this idea in her theory. The hypothesis that we put forward in this paper is the existence of a particular intolerance – related to envy – of one’s own capacity to recognize the valuable aspects of the object. This situation leads to the paradox that the same faculty that allows the patient to appreciate the good qualities of the object is at the same time the source of unbearable pain. The capacity to recognize the good aspects of the object – whether they are perceived or attributed by projective identification – cannot be accepted as a valuable aspect of the self and is taken as a proof of the self’s unworthiness. We think that the description of this intolerance towards admirative appreciation introduces a change in the understanding of idealization simply as a defence against envy and enriches the conflict expressed in the immediacy of the transference-countertransference.

Key-words

Envy. Transference. Countertransference.

Resumen

El dilema de Salieri: contrapunto entre envidia y aprecio

En este trabajo vamos a retomar los conceptos kleinianos de 1957, en un intento de exponer ciertas particularidades de la envidia que hasta ahora no fueron tenidos en cuenta. Melanie Klein describió el conflicto entre envidia y gratitud como dos cualidades inherentes al ser humano; planteó una interesante relación entre envidia y admiración que no llegó a desarrollar teóricamente. La hipótesis que planteamos es que, en relación con la envidia, existe una singular intolerancia hacia la propia capacidad para reconocer los aspectos valiosos del objeto. Esta intolerancia lleva a la paradoja de que la misma sensibilidad que permite apreciar los dones del objeto – tanto los percibidos como los atribuidos por identificación proyectiva desde el self - es a la vez la fuente de un dolor intolerable. La capacidad para reconocer las buenas cualidades del objeto – relacionada con la elaboración de la posición depresiva - no puede ser aceptada como un aspecto valioso del propio self y se transforma en prueba de la propia minusvalía. Pensamos que describir esta intolerancia al aprecio admirativo introduce una modificación en la comprensión de la idealización entendida sólo como defensa contra la envidia y enriquece la comprensión del conflicto que se expresa en la transferencia-contratransferencia.

Palabras-llave

Envidia. Transferencia. Contratransferencia.

Referências

- ABRAHAM, K. (1919). A particular form of neurotic resistance against the psychoanalytic method. In: **Selected Papers on Psycho Analysis**. London: Hogarth Press, 1942. p.303-312.
- BION, W. (1959). Attacks on linking. In: _____. **Second Thoughts**. New York: Jason Aronson, 1967.
- BOTT-SPILLIUS, E. Varieties of emotional experience. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.74, p.1199-1212, 1993.
- ETCHEGOYEN, R.H.; LÓPEZ, B.; RABIH, M. On envy and how to interpret it. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.68, p.49-61, 1987.
- FREUD, S. (1917). Mourning and melancholia. In: _____. **Standard Edition**. v.14.
- _____. (1931). Female sexuality. In: _____. **Standard Edition**. v.21.
- _____. (1939). Moses and monotheism. In: _____. **Standard Edition**. v.23.
- JOSEPH, B. (1959). **Psychic Equilibrium and Psychic Change**. London: Routledge, 1989.
- KLEIN, M. A contribution to the psychogenesis of maniac-depressive states. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.16, p.145-174, 1934.
- _____. (1957). Envy and gratitude. In: _____. **Envy and Gratitude and Other Works**. Londres: Hogarth Press, 1975. p.48-56.
- MELTZER, D. The differentiation of somatic delusion from hypochondria. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.45, p.246-250, 1954.
- _____. The Relation of anal masturbation to projective identification. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.47, p.335-342, 1966.
- _____. **Sexual States of Mind**. Pertshire: Clunie Press, 1973.
- MELTZER, D.; WILLIAMS, M.H. **The Apprehension of Beauty: the role of aesthetic conflict in development, art and violence**. Pertshire: Clunie Press, 1988.
- MONEY-KYRLE, R. **Cognitive Development**. Pertshire: Clunie Press, 1965.
- RACKER, H. **Estudios sobre Técnica Psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1960.
- RIVIÈRE, J. Jealousy as a mechanism of defense. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.13, p.414-424, 1932.
- _____. A contribution to the analysis of the negative therapeutic reaction. **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.17, p.304-320, 1936.
- SEGAL, H. **The Work of Hanna Segal**. New York: Jason Aronson, 1981.
- STEINER, J. (1985). **Psychic Retreats**. London: Routledge, 1993.

ETCHEGOYEN, R.H.; LÓPEZ, B.; RABIH, M. (1985). De la interpretación de la envidia. **Revista de Psicoanálisis**, Buenos Aires, v.XLII, n.5, p.1019-1041, 1985.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Publicado originalmente em inglês no **International Journal of Psychoanalysis**, London, v.84, n.1, p.45-58, 2003. Licenciado por International Journal of Psychoanalysis.

Tradução e Revisão: Maria Regina Lucena Borges

R. Horacio Etchegoyen

Posadas 1580/13°
1112 Buenos Aires – Argentina
E-mail: rhetche@arnet.com.ar

Clara Rosa Nemas

French 3023
1425 Buenos Aires – Argentina
E-mail: cremas@api.org.ar